

Embora não se trate de Cooperativa ou de Administração Pública sem FMI, no balanço das edições destas SF **também não existe lucro** – só a ajuda de custo acima, única receita. Ainda que o prejuízo seja para nós sinónimo de poder servir e não antónimo de lucro, sua remessa de selos, leitor, é a colaboração que nos dá apoio, que nos estimula, que nos aprova. Caso no envelope à direita de seu nome tenha quatro zeros, é sinal de que o ano 00 (2000) não tem 12 meses de assinatura, ou seja, seu apoio ainda não nos chegou e... contamos com ele! Coragem! Abre o cofre e remete esses dez selos para o porte mensal no correio!



Uma moça morava na mesma casa que uma velha que tinha uma filha muito invejosa e desajeitada. Viviam em quartos separados e a velha reparava na moça viver cantando e tratar-se muito bem, como pessoa rica. Não vendo de onde lhe vinha o recurso, começou a espiar e nada sabendo, pediu para dormir uma noite com a moça. Esta não pôde recusar. Entraram e a moça pediu à velha que a ajudasse a arrumar umas malas de roupa. E tanto arrumava a velha de um lado como ela desarrumava do outro, que terminou a velha morrendo de cansada e adormecendo. Amanheceu o dia sem que tivesse visto cousa alguma que contasse. Ficou furiosa. A filha disse que ela era uma tola e não sabia defender-se da arteira da vizinha. Deixasse ela ir e tudo se esclareceria por completo. A velha consentiu e a filha lá foi pedir para dormir no quarto e meteu-se cedo na cama, com mostras de estar doente da cabeça e não poder mexer-se. Fez que dormia profundamente e, pela madrugada, viu um grande pássaro verde entrar pela janela e atirar-se a uma bacia de água fresca que a moça pusera no meio do aposento. Banhou-se o pássaro, ruflando as asas e esparrinhando água por todas as bandas. Cada gota que caía se tornava em uma moeda de ouro ou em uma jóia de preço. Depois o pássaro largou as penas dentro da bacia e levantou-se um mancebo formoso que abraçou a moça e se pôs a conversar alegremente. A filha da velha, tudo reparando, roncou alto como se estivesse profundamente mergulhada no sono. Antes do sol nascer, o moço meteu-se nágua e voltou a ser um pássaro verde, saindo a voar pela janela.

– Ora aí está porque a vizinha tem tanto ouro, resmungou a velha quando a filha lhe contou o que vira. Começou a pensar como afastar o encantado da conversa da moça e traze-lo para a filha. Não deparando fim, achou de bem acabar com a felicidade que não poderia ser sua. Apanhou a moça descuidada e correu ao quarto, pondo navalhas e puas no peitoril da janela. E safou-se.

Pela madrugada o pássaro verde chegou e quando ia entrando cortou-se muito:

– Ai! ingrata, dobraste-me os encantos! Se me quiseres ver, irás ao reino das Palmas Verdes.

Desapareceu, voando.

A moça ficou inconsolável, chorando quantas lágrimas tinha. Ao cabo de meses teve um filho e

logo que este enrijou, pôs-se a caminho à procura do Reino das Palmas Verdes.

Depois de muito andar, chegou a uma montanha muito alta, com o pico entre as nuvens. Viu uma luz lá no cimo e trepou até uma casinha branca, aseada, e sem janelas Gritou e veio atender uma velhinha muito simpática, que a mandou entrar e lhe deu de comer. Depois disse que se fosse embora porque ali era a casa da Lua e esta não tinha amizades.

– Ai minha mãe! Estou a morrer de cansaço e não tenho para onde ir. Deixe-me ficar por aqui mesmo que pode ser que sua filha tenha piedade de mim.

A velha escondeu-a dentro do forno de assar pão. Algum tempo mais tarde soprou uma ventania gelada e a casinha ficou clara como se fosse luar. Chegou uma moça muito gorda e forte, toda de prata, falando zangada:

– Quero comer! Aqui cheira a sangue real!

– Não se exalte, minha filha, não esteve ninguém, apenas uma peregrina passou pedindo o que comer. Vamos ceiar. O que farias se a peregrina estivesse aqui?

A Lua, farta com o jantar, ficou alegre:

– Eu? trata-la-ia muito bem...

– Apareça, moça, disse a velha. A moça saiu do forno. A Lua recebeu-a bem, mandou-a sentar, perguntando que fazia por ali.

– Procuro o Reino das Palmas Verdes, eu e meu filho.

– Nunca ouvi falar nesse reino. Quem deve saber é o Sol.

A Lua foi-se deitar e pela manhã a moça, com o filhinho no braço, saiu a caminhar, indo para a casa da mãe do Sol, como a velha lhe havia ensinado. Tanto andou que foi parar a uma montanha ainda mais alta. Levou horas para galgar os penedos e grutas, vendo, por fim, uma casa dourada, sem janelas e com uma porta redonda. Chamou, e apareceu uma velhinha morena, muito alegre, que a agasalhou e lhe pediu que fosse embora por causa da maldade do filho que queimava a todos. A moça tanto rogou que a velhinha ocultou-a no banheiro, com o filhinho. Quando o Sol chegou tudo ia se abrasando. Gritou muito que sentia cheiro de sangue real e só se acietou quando a mãe lhe serviu um bom jantar. Comeu, ficou calmo e risonho. Então a velha disse:

– Meu filho, se por aqui viesse uma pobre peregrina com um filhinho, que farias tu?

– Ora, que faria! Dava-lhe pão e trata-la-ia bem.

– Apareça, moça, disse a velha. A moça veio cumprimentar o Sol e este agradeceu-a muito, perguntando que fazia naquelas paragens.

– Procuro o Reino das Palmas Verdes, meu filho e eu.

– Não sei onde fica esse Reino. Já ouvi falar. O Vento, sim, deve saber onde é que ele fica.

E foi dormir. A velha deu a moça com o filho e pela manhã ensinou a estrada para a casa do Vento.

Quando a moça lá chegou estava mais morta do que viva. Viu uma casa comprida, sem janelas e com uma porta estreita. Gritou, e uma velhinha fê-la entrar, com dificuldade. Deu-lhe de comer mas avisou que seu filho era louco e não respeitava ninguém. A moça, com muito rogo, conseguiu apiedá-la. Mandou-a esconder-se num quarto e amarrou-a, com o filho.

O Vento chegou, dobrando árvores e levantando poeira. Sossegou depois do jantar e ficou rindo com a mãe. Esta lhe disse:

– Meu filho, que farias se uma pobre peregrina aqui viesse ter?

– Que pergunta, minha mãe! Dava-lhe que comer, que beber e onde dormir.

A velha foi soltar a moça e a trouxe. O Vento perguntou seu destino e ela disse que procurava o Reino das Palmas Verdes.

– Ah! Sei onde é, muito longe. Amanhã irei lá e leva-la-ei se não tiver medo.

No outro dia a moça segurou nos pés do Vento e este voou como um desesperado, uivando. De longe, lhe disse:

– Segure-se naquele pinheiro alto.

A moça segurou-se no pinheiro e o Vento passou, desaparecendo. Como o pinheiro era muito alto e a moça estava muito fatigada, custou a descer da árvore. Quase ao chão, ouviu vozes e, com medo, ocultou-se num ramo, pondo-se a escutar:

– Ora, que faria! Dava-lhe pão e trata-la-ia bem.

– Apareça, moça, disse a velha. A moça veio cumprimentar o Sol e este agradeceu-a muito, perguntando que fazia naquelas paragens.

– Procuro o Reino das Palmas Verdes, meu filho e eu.

– Não sei onde fica esse Reino. Já ouvi falar. O Vento, sim, deve saber onde é que ele fica.

E foi dormir. A velha deu a moça com o filho e pela manhã ensinou a estrada para a casa do Vento.

Quando a moça lá chegou estava mais morta do que viva. Viu uma casa comprida, sem janelas e com uma porta estreita. Gritou, e uma velhinha fê-la entrar, com dificuldade. Deu-lhe de comer mas avisou que seu filho era louco e não respeitava ninguém. A moça, com muito rogo, conseguiu apiedá-la. Mandou-a esconder-se num quarto e amarrou-a, com o filho.

O Vento chegou, dobrando árvores e levantando poeira. Sossegou depois do jantar e ficou rindo com a mãe. Esta lhe disse:

– Meu filho, que farias se uma pobre peregrina aqui viesse ter?

– Que pergunta, minha mãe! Dava-lhe que comer, que beber e onde dormir.

A velha foi soltar a moça e a trouxe. O Vento perguntou seu destino e ela disse que procurava o Reino das Palmas Verdes.

– Ah! Sei onde é, muito longe. Amanhã irei lá e leva-la-ei se não tiver medo.

No outro dia a moça segurou nos pés do Vento e este voou como um desesperado, uivando. De longe, lhe disse:

– Segure-se naquele pinheiro alto.

A moça segurou-se no pinheiro e o Vento passou, desaparecendo. Como o pinheiro era muito alto e a moça estava muito fatigada, custou a descer da árvore. Quase ao chão, ouviu vozes e, com medo, ocultou-se num ramo, pondo-se a escutar:

– Ora que o príncipe das Palmas Verdes morreu mesmo com um remédio tão fácil...

– Fácil dizes tu porque sabes, mas ninguém mais o saberá, o que nos custa a vida.

– Dizes bem. Quem se irá lembrar de torrar nosso coração e passar na ferida do príncipe?

A moça, ouvindo, afastou o ramo e viu duas pombinhas brancas. Arrancou uma vareta e atirou-lha, matando-as a ambas duma só vez. Desceu, fez lume e assou as aves, torrando os corações e guardando o pó. Pôs-se em marcha e entrou na cidade onde se falava na doença do príncipe. A moça foi ter ao palácio e pediu para ver o príncipe: sai-te daí, esfarrapada! gritou-lhe o porteiro.

Vendo que não podia ver o príncipe, a moça pediu que lhe mostrassem a janela do quarto onde ele estava. Mostraram-na, por esmola. A moça foi para debaixo e cantou:

Príncipe das Palmas Verdes que não te lembras de mim; lembra-te do teu filhinho que o tens ao pé de ti...

Cantou três vezes. Na primeira vez, o príncipe virou-se na cama; na segunda vez mandou ver quem era; e na terceira deu ordem que levassem ao seu quarto quem estava cantando, fosse como fosse.

Levaram a moça e logo que a viu, reconheceu-a, abraçando-a. A moça passou o pó nas feridas e essas foram sarando logo. Veio o rei, veio a rainha, todos alegres, e o príncipe não cabia em si de contente. Com poucos dias ficou bom e recebeu a moça por sua legítima esposa, fazendo o filho príncipe real.

Luis da Câmara Cascudo (1898/1986), de Os Melhores Contos Populares de Portugal

CLASSIFICANDO OS TERCELOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇄ ⇄ ⇄ ⇄ ⇄ ⇄  
O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, é sempre “aqui e agora” – não conceitual.  
O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou trevo **haikai senryu** (não filosófico), trevo **haikai** subentendido e, finalmente, trevo **haikai sazonal**, poesia pura – contém palavra da sazão (kigo).  
Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

**Trevo senryu:**  
Natal do homem só: sol dos trópicos no céu neve em seu olhar.  
Sérgio Bernardo  
Louvo a samambaia: não tem flores, mas é verde. Reflete a esperança.  
Djalda Winter Santos

**Trevo haikai senryu** ou **trevo haikai** personagem:  
Na favela as luzes vistas de longe parecem que é sempre Natal.  
Leda Mendes Jorge  
Como a samambaia, lá vou eu pelo caminho. Várias direções...  
Manoel Fernandes Menendez

**Trevo haikai** subentendido:  
Aborda a natureza (referente à vivência e à flora, no caso) sem definir a estação.  
No vestido antigo, lembranças de um tempo amado: cheiro de um Natal.  
Leonilda Hilgenberg Justus  
Entre as velhas páginas folhinhas da samambaia, amores esquecidos.  
Cecy Tupinambá Ulióla

**Trevo haikai sazonal:**  
Aqui, kigo vivencial e da flora, ambos referentes ao verão:  
Festa de Natal. Um cochilo na poltrona, agarrando o ursinho.  
Maria Regimato Labruciano  
Folha após folha... ...desce do teto ao chão calada samambaia!  
Luis Koshitiro Tokutake

SINCRONICIDADE E JUSTAPOSIÇÃO

Clicie Pontes, tradução da revista Azami – Haiku in English 38, em Caqui 03.99

A sabedoria chinesa sustenta o conceito de Carl Jung sobre sincronicidade, como foi demonstrado no *I-Ching*. As coisas que acontecem no momento estão de algum modo interligadas. Quando partimos do instante haicaístico com uma forte sensação de que as imagens justapostas nos dão um sabor de singularidade – a totalidade da vida – somos levados a expressar tudo isso num poema haikai. Tais experiências reafirmam a veracidade da

sincronicidade. Por que nos surpreendemos, se realmente acreditamos que *todas as coisas são uma*, como disse Heráclito, já no século V a. C. ?

O mais belo haikai que pode ilustrar tal idéia, onde tudo é pertinente, eternamente entrelaçado, é o clássico de G. Mabson Saithard (*The Haiku Anthology*; editor Cor van den Heuvel), como podemos ver a seguir:

Canta o velho galo...  
Da névoa emergem as rochas e o pinheiro retorcido.

Este é o entrelaçamento mais perfeito: *não há separação* entre o que acontece na natureza e o que acontece no haikai. Este é um haikai que *chama o espírito do universo*.

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.

Esta pobre viúva deitou mais do que todos os que lançaram no cofre, porque todos deitaram o que tinham em abundância.

Quem tem duas túnicas dê uma ao que não tem: e quem tem o que comer, faça o mesmo.

Esta, porém, pôs, da sua indigência, tudo o que tinha para o seu sustento. É difícil para um rico entrar no reino dos céus.

Não exijais mais do que vos foi ordenado. Não pratiqueis violência nem defraudeis a ninguém; e contentai-vos com o vosso salário.

O olho é a luz do corpo. Se teu olho é são, todo o teu corpo será iluminado. Se teu olho estiver

em mau estado, todo o teu corpo estará nas trevas: não podeis servir a Deus e às riquezas.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pagais o dizimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia, a fidelidade. Ai também de vós,

doutores da lei, que carregais os homens com pesos que não podem levar, mas vós mesmos nem sequer com um dedo vosso tocai os fardos.

Ai de vós, doutores da lei! que tomastes a chave da ciência, e vós mesmos não entrastes e impedistes aos que vinham para entrar. O ladrão não vem senão para furtar, matar e destruir. Eu vim para que as ovelhas

tenham a vida, e para que a tenham em abundância.

Dou a minha vida pelas minhas ovelhas.

Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vem a vós disfarçados de ovelhas mas por dentro são lobos arrebatadores.

Pelos seus frutos os conhecereis. Amarás o Senhor teu Deus

de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito e amarás teu próximo como a ti mesmo. Sabeis que os que são considerados chefes das nações dominam sobre elas e os seus intendentem exercem poder sobre elas.

Entre vós, porém, não será assim; mas todo o que quiser tornar-se grande entre vós,

seja o vosso servo; e todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja escravo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos. Não são os que estão bem que procuram do médico, mas sim os doentes.

Meu jugo é suave e meu peso é leve. Jesus Cristo (SF 03.97)

KIDAIS DE VERÃO



De manhã, sol forte. À tardinha, que toror! Volto bem molhada. Albertina C. C. Santos	Imóvel e farta a aranha dorme tranqüila. Mosquitos zumbindo! Humberto Del Maestro	Calorosa volta quando chego à minha terra: <i>Flamboyant</i> em flor! Mariem Tókuma
Olhos atentos caçando pernilongos chinelo na mão. Carlos Roque B. de Jesus	Calor de verão, vou de sorvete de coco para refrescar... João Batista Serra	No maior toror guri brinca na poça. Doce infância! Nadry Leme Ganzert
Ri, o pobre casal – uma taça de sorvete mas, duas colheres. Clécio Pontes	Flor de <i>flamboyant</i> olhos pregados no céu queda na calçada! José Messias Braz	Num canto, a cigarrta, canta triste, ao ver na terra, formigas em farrã... Nilton M. A. Teixeira
Domingo de sol... Água de coco na praia refresca o verão. Eduardo A. O. Toledo	Devorado o livro, colônia de traças dorme, um sono sem fim. José N. Reis	Envelope azul. Alegrias... emoções. Cartão de Natal! Olga dos Santos Bussade
No horror da esperança, Rês negra, mas viva. Fernando Vasconcelos	vêu negro, toró. Desaba repressa do céu. José Walter da Fonseca	Chuva de verão... olhos rolam lágrimas... Lembranças molhadas... Olíria Alvarenga
Flores desabrocham cha- mas que dançam ao vento flamboiã no campo. Franciela Silva	Com grandes espinhos, o mandacaru protege a flor na caatinga. Leda Mendes Jorge	Noite de verão escondo-me sob lençóis pernilongos no ar. Paulo Alfredo F. Böhm
Flamboiã vermelho brilhando no meu jardim. Olhos encarcados. Haroldo R. Castro	Sorvete escorrendo à terra com fome e sede. Guri com inveja. Leonilda H. Justus	Pés de <i>flamboyant</i> . Pen- cas de estrelas cadentes. Pedido em segredo. Roberto Resende Vilela
Sol entre nuvens, mormaço insupportável. Chego o verão. Helvecio Duroso	Em cima da fôrmica, fila indiana de fôrmica. Desleixo caseiro. Marcelino R. de Pontes	Cartão de Natal: – no beijo do beija-flor, a paz do Senhor!... Santos Teodósio
Olhando o mandacaru já nem sinto a sede! Hermoclydes S. Franco	O sol encharcado vence revolta das nuvens: chuva de verão. Maria de Jesus B. Mello	Horta pode água mas nem mexo na mangueira... toró já vem vindo. Sergio de Jesus Luizato
Pisadas na rua as flores do flamboiã: sangue vegetal. Héron Patrício	A luz do jardim, na dança dos sete véus, mariposas mil. Maria R. Labruciano	Volta verde voletia no ar – espreita. Frágil samambaia. Yara Shimada Brotto

ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS



Prazo 30.12.99:

Kigos à escolha: Açucena, Dia da Música, João-de-barro.

Prazo 30.01.00:

Kigos à escolha: Acerola, Dia do Salva-vidas, Surubim.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focali- zamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidaí, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra da sazão. O haikai de sazão deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (s ons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda subt Sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo repeti-los; cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos kigos, ou seja, sinónimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lava.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Meu único desejo, Homem, é ser teu parente.

Sejas negro ou acrobata, repousas ainda nas profundezas da guarda materna, vibre no pátio o teu canto de menina, dirijas tua jangada ao fogo do crepúsculo, sejas soldado ou aviador de acirrada energia!

Não eras tu que, em criança, andavas de espingarda ao suspensório verde? E quando a arma escorregava outro pedaço de gente se esquivava.

Meu irmão Homem, se canto a tua lembrança não me queiras mal, arrebeta em soluços comigo; pois eu vivi profundamente todos os destinos.

Conheço bem a angústia da harpista solitária nas orquestras das estações de águas; a da governanta no seio da família estranha, a do estreante, a tremer na frente do ponto.

Vivi nas florestas, fui um ferroviário, curvei-me sobre livros de contabilidade e servi fregueses rabugentos fogueista, fiscalizei caldeiras, o rosto lambido pela chama crua; cule, comi os restos da cozinha.

Eu te pertengo como a qualquer homem! Suplico-te; não te recuses! Ah se isso pudesse acontecer, meu irmão, que caíssemos nos braços um do outro.

Franz V. Werfel (1890/1945), Poema (tradução Sérgio Milliet); em Obras Primas da Poesia Universal, Sérgio Milliet 3a Ed. 1963

A primeira vez que vi Teresa achei que ela tinha pernas estúpidas achei também que a cara parecia uma perna.

Quando vi Teresa de novo achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo (os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse).

Da terceira vez não vi mais nada. Os céus se misturaram com a terra e o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira, Teresa; em Obras Primas da Poesia Universal, Sérgio Milliet 3a Ed. 1963

“O que se pode pensar, já está adulterado; e, se o pensado for falado, há uma segunda deturpação; e se esse pensado e falado for escrito, completa-se a terceira falsificação da verdade.”

(Até parece mensagem para haicaístas, não!?)



IPÊS EM FOLHA

Jovens festejando o Dia da Juventude. Idosos contemplam. Alda Corrêa M. Moreira	Na flor de café dormem sonhos de sabor e prosperidade... Maria Madalena Ferreria	A flor de café cobrindo o verde de branco. Veste municipal. Yedda R. Maia Patrício
No meio da noite um sapato velho voa... Namoro de gatos! Sandra Paraná	Flores brancas do café revestem o chão. Olga Amorim	no Dia da Juventude brindando o futuro! Elen de Novaes Felix
A flor de café acolhe beijos do sol e torna-se fruto. Regina Célia de Andrade	Casal de velhinhos no Dia da Juventude passeia ao luar... Erey M. M. de Faria	Capela na roça. Nas mãos da noiva, cabocla flores de café... Guim Ga
A gata no cio e uma vidraça entre ela e o gato lá fora... Darly O. Barros	Homem aprecia nos extensos cafezais a flor do café. Alda Corrêa M. Moreira	Cafezal em flor, abelhas fazem a festa. Tempo de fartura... Cecy Tupinambá Ulhôa
O lavrador vê, alegre, a flor do café. Djalda Winter Santos	desabrocham um sorriso de um agricultor. M. U. Moncam	perfumando a plantação: lavrador sorri... Darly O. Barros
Paisagem rural alegre o homem cansado: Flores de café. Erey M. M. de Faria	O gato em amor quebra o silêncio da noite... Baila nos telhados... Amália M. G. Bornheim	Um miado eoca na procura de um amor perdido na noite... Luis Koshitiro Tokutake
Nos arbustos verdes alegria florescendo... Flores de café. Anita Thomaz Folmann	Na flor do café os olhos e as mãos esperam frutinhas vermelhas. Alba Christina	Em louvor aos jovens o Dia da Juventude nasce ensolarado... Darly O. Barros
Abelha procura sobre o verde da ramagem, a flor do café. Analice Feitoza de Lima	Intenso alarido de dois gatos em amor atravessa a noite. Renata Paesola	grudadinhas nos arbustos, flores de café! Edel Costa
Na face enrugada doce ar de felicidade... – Café deu florada. Fernando L. A. Soares	correria no telhado. Um gato em amor. Analice Feitoza de Lima	De mãos dadas na praça casal de velhinhos. Cicero Campos
Dia da Juventude: ancio na villa rede relembrar o passado. Regina Célia de Andrade	Cantigas estranhas acordam a madrugada: Namoro de gatos... Erey M. M. de Faria	o Dia da Juventude neto reclama da vida e o avô sorri... M. U. Moncam

¿Dónde está Dios? Se ve, o no se ve. Si te tienen que decir donde está Dios, Dios se marcha. De nada vale que te diga que vive en tu garganta.

Que Dios está en las flores y en los granos, en los pájaros y en las llagas, en lo feo, en lo triste, en el aire, en el agua; Dios está en el mar y a veces en el templo, Dios está en el dolor que queda y en el viejo que pasa en la madre que pare y en la garrapata, en la mujer pública y en la torre de la mezquita blanca. Dios está en la mina y en la plaza, es verdad que está en todas partes, pero hay que verle, sin preguntar que dónde está como si fuera mineral o planta.

Quédate en silencio, mirate la cara, el misterio de que veas y sientas, ¿no basta? Pasa un niño cantando, tú le amas, ahí está Dios.

Le tienes en la lengua cuando cantas, en la voz cuando blasfemas, y cuando preguntas que dónde está, esa curiosidad es Dios, que camina por tu sangre amarga, en los ojos le tienes cuando ríes, en las venas cuando amas, ahí está Dios, en ti, pero tienes que verle tú, de nada vale quien te le señale, quien te diga que está en la ermita, de nada, has de sentirle tú, trepando, arañando, limpiando, las paredes de tu casa: de nada vale que te diga que está en las manos de todo el que trabaja, que se va de las manos del guerrero, aunque éste comulgue o practique cualquier religión

dogma o rama; huye de las manos del que reza y no ama, del que va a misa y no enciende a los pobres velas de esperanza; suele estar en el suburbio a altas horas de la madrugada, en el hospital, y en la casa enajenada.

Dios está en eso tan sin nombre que te sucede cuando algo te encanta, pero de nada vale que te diga que Dios está en cada ser que pasa. Si te angustia ese hombre que se compra alpagatas, si te inquieta la vida del que sube y no baja, si te olvidas de ti y de aquéllos, y te empeñas en nada, si sin por qué una angustia se te enquista en la entraña, si amanece un día silbando a la mañana y sonrías a todos y a todos das las gracias, Dios está en ti, debajo mismo de tu corbata.

Gloria Fuentes (1918/1998), Un Hombre Pregunta... ¿Dónde?; em El Quijote en Acción 10.97

“Para os puros tudo é puro”: – Assim fala o povo.

– Mas eu vos digo: para os porcos tudo é porco! Por isso os fanáticos e os que curvam a cerviz, que também têm o coração inclinado, predicam desta forma: “O próprio mundo é um monstro lamacento!”

Por que todos esses têm o espírito sujo, especialmente os que se não dão paz nem sossego enquanto não vêem o mundo por detrás; são os crentes no mundo posterior.

A esses lhes digo eu na cara, conquanto não soe muito bem: o mundo parece-se com o homem por ter também traseiro; isto é uma verdade! mas nem por isso o mundo é um monstro lamacento!

É sensato haver no mundo muitas coisas que cheirem mal. O próprio asco cria asas e forças que pressentem mananciais!

Até nos melhores há qualquer coisa repugnante, e até o melhor é coisa que se deve superar! Oh! meus irmãos! é sensato haver muita lama no mundo!

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844/1900), de Assim Falou Zaratustra, XIV, tradução: Araújo Pereira, em Obras Primas da Poesia Universal de Sérgio Milliet

As palavras envelheceram dentro dos homens separadas em ilhas, as palavras se mumificaram na boca dos legisladores; as palavras apodreceram nas promessas dos tiranos; as palavras nada significam

nos discursos dos homens públicos, e o verbo de Deus é uno

mesmo com a profanação dos homens de Babel, mesmo com a profanação dos homens de hoje. E, por acaso, a palavra imortal há-de adoecer? E, por acaso, o poeta não foi designado

para verificar a palavra de novo? Para colhê-la de cima das águas e oferecê-la outra vez aos homens do continente?

E, não foi ele apontado pra restituir-lhe a sua essência, e reconstituir seu conteúdo mágico? Acaso o poeta não prevê a comunhão das línguas, quando o homem reconquistar

os atributos perdidos com a Queda, e quando se desfizerem as nações instaladas ao depois de Babel?

Quando toda a confusão for desfeita, o poeta não falará, do ponto em que se encontrar, a todos os homens da terra, numa só língua – a linguagem do Espírito?

Se por acaso viveis mergulhados no momento e no limite, não me compreendereis, irmão!

Jorge Mateus de Lima (1895/1953), As Palavras Ressuscitarão; em Obras Primas da Poesia Universal de Sérgio Milliet

Vi ontem um bicho na imundície do pátio catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava: engolia com voracidade.

O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira (1886/1968), O Bicho; Seleção Maura Sardinha, 2ª Edição, 1997

Chove na minha terra! Os açudes erguem músculos de pedra para conter as águas desencarceradas que saltaram montes, estrangularam árvores, vararam grótes em disparada louca e chegam enfim exaustas, fatigadas, deitando troncos e espumas pela boca...

Antônio Filgueiras Lima (1909/1966)

A segurança depende não tanto do quanto se possui, mas do quanto se pode prescindir.

Joseph Wood Krutch (SF 12.96)

Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

Eu vim para que as ovelhas tenham a vida, e para que a tenham em abundância. Ocu a minha vida pelas minhas ovelhas.



Feliz Natal, feliz Ano Novo!

Larissa Lacerda Menendez  
Lávia Lacerda Menendez  
Márcia Tracena Gomes Lacerda Menendez  
Manoel Fernandes Menendez